

Alerta sobre violação precedeu cassação

Uma hora antes da sessão que cassou Estevão, senadores avisaram funcionário do Prodasen

FAUSTO MACEDO

Cerca de uma hora antes da votação que levou à cassação do ex-senador Luiz Estevão, dois senadores teriam procurado o funcionário de carreira da Prodasen, Nilson Rabello – na época, chefe-de-gabinete de Estevão. Os senadores – Renan Calheiros (PMDB-AL) e Eduardo Siqueira Campos (PFL-TO) – teriam recomendado a Rabello que avisasse Estevão sobre a violação do painel. Segundo o ex-assessor de confiança de Estevão no Senado, Renan e Campos disseram: “Avisar o Estevão que muitos senadores que pretendem votar a favor dele estão mudando o voto com medo do vazamento.”

Rabello trabalhou no gabinete do ex-secretário-geral da Presidência da República, Eduardo Jorge. Ele foi gerente-geral do Palácio do Planalto entre 1995 e 1998. Quando Eduardo Jorge deixou a secre-

taria, Rabello assumiu a chefia-de-gabinete de Estevão no Senado. O encontro com os senadores teria ocorrido na antesala do ex-senador. Primeiro, apareceu Eduardo Campos. Em seguida, Renan. “Foram conversas rápidas”, afirmou Rabello, segundo relatou Estevão ao senador Jader Barbalho (PMDB-PA) no mesmo dia. Assessores de Estevão disseram, no entanto, que Rabello oficialmente não vai apontar os nomes dos senadores ao Conselho de Ética porque é funcionário da Casa e “tem receio” de represálias.

Ontem, o senador Eduardo Campos confirmou ter ouvido “rumores de que efetivamente o painel havia sido violado”. Mas negou com veemência que tenha procurado Rabello, pessoalmente ou por telefone. “Isso não é fato, quem é que iria ao gabinete do Estevão naquela época?”, protestou Campos. Para o senador, quem fosse à sala de Estevão poderia ficar em “uma situação difícil”.

O senador por Tocantins alega que “não viveu aquele clima da cassação” porque desde 30 de março de 2000 estava licenciado para ocupar o posto de secretário de seu Es-

tado. “Retornei ao Senado no dia da votação, exatamente para votar; realmente ouvi diversas vezes de gente no plenário que o sigilo do painel havia sido quebrado”, confirma. “Se eu dissesse que fui ao gabinete do Estevão estaria faltando com a verdade.”

A assessoria de Renan Calheiros informou que o peemedebista procurou Jader para sugerir que a votação “fosse realizada da forma tradicional, por meio de cartela, para evitar o sistema eletrônico”. Segundo a assessoria, o objetivo de Renan era “evitar a identificação dos votos e manter a correção do processo”. A assessoria do senador alagoano não confirmou que ele esteve no gabinete de Estevão.

Questão particular – Para Estevão, “os fatos são indiscutíveis”. Segundo ele, o vazamento sobre a violação do painel serviu como instrumento de pressão para que muitos senadores mudassem o voto em

cima da hora. Ele suspeita que a manobra “interessava diretamente” ao senador José Roberto Arruda (PSDB-DF), na época líder do governo no Senado. “Ele tinha pelo menos dois motivos para agir desta forma”, acredita o senador cassado.

O primeiro motivo seria “uma questão particular e política” – Arruda seria o candidato do PSDB ao governo do Distrito Federal em 2002 e teria que disputar com Estevão. O outro motivo, para o ex-senador:

“Com as listas de votação nas mãos, Arruda teria um poder extraordinário.” Estevão considera que a partir do episódio de sua cassação, o tucano teria “todos os meios de pressão para virar o jogo em qualquer votação de interesse do governo”.

Estevão disse que, ao ser informado sobre o alerta de Renan e Campos, “imediatamente” dirigiu-se a Jader, presidente do partido. “O Jader achou que a denúncia não era procedente.”

ESTEVÃO
REFORÇA
ACUSAÇÃO
A ARRUDA